



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12299 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 12 - Currículo

**SIGNOS ARTÍSTICOS CAPIXABAS COMO FORÇA QUE IRROMPEM AS MUNDANIDADES E AMOROSIDADES DAS PRESCRIÇÕES CURRICULARES NO ESPÍRITO SANTO**

Lucas Borges Soeiro - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

Marina de Oliveira Delmondes - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

**SIGNOS ARTÍSTICOS CAPIXABAS COMO FORÇA QUE IRROMPEM AS MUNDANIDADES E AMOROSIDADES DAS PRESCRIÇÕES CURRICULARES NO ESPÍRITO SANTO**

Este trabalho problematiza, com as vozes das docências, as estratégias de controle, implementadas pelo Aparelho de Estado, que se apresentam por entre as páginas das prescrições curriculares vigentes no Brasil, a Base Nacional Comum Curricular, e no Espírito Santo, o Currículo do Espírito Santo. Para isso, utilizou-se, como percurso metodológico, as *redes de conversações* (FERRAÇO; CARVALHO, 2012) que aconteceram de forma *online*, pela plataforma *Google Meet*, com professores/as de uma escola pública capixaba. Para provocar o pensamento, aborda interlocuções teóricas com Deleuze (2003) por meio da obra *Proust e os signos*, principalmente, na parte em que o autor pensa quatro tipos de signos, os *signos mundanos, amorosos, sensíveis e artísticos*.

Os documentos curriculares prescritivos estão repletos de códigos alfanuméricos, como aqueles das empresas, das indústrias, do grande capital. Códigos arraigados da lógica neoliberal. Trata-se de uma tentativa de fazer do conhecimento uma mercadoria, um objeto, um objeto de conhecimento e, conseqüentemente, manipulável conforme os interesses da Máquina de Estado. Nas prescrições, entendemos que esses códigos apresentam perspectivas

repletas daquilo que Deleuze (2003) chama de signos mundanos e amorosos.

Para o autor, os signos mundanos pretendem ocupar ou substituir uma ação ou um pensamento, conduzindo a uma significação transcendente, atribuindo um sentido vazio a um dado conteúdo. Pensando a lógica dos signos mundanos no campo do currículo, dizem as docências, nas conversas, que os códigos, ao delegar significantes deterministas aos conteúdos, aos objetos de conhecimento e unidades temáticas, procuram levar os escolares a uma observância as mundanidades prescritivas, sobretudo, aquelas que se dizem como “parte comum curricular”.

O que pretende o Aparelho de Estado é fazer as docências passearem na mundanidade de práticas cotidianas sem sentido, repletas de signos vazios ou que se esvaziaram pelo pré-agendamento de sentidos, por ele emitidos, que procura aniquilar os processos de subjetivação, os modos de existência e a força do acontecimento. Por isso, os signos mundanos são signos sem sentido, porque evita mundos que fazem sentido aos corpos, tudo em prol dos interesses da Máquina de Guerra Institucionalizada (DELEUZE; GUATTARI, 1997). Todavia, na visão dessa Máquina, os signos mundanos são agenciados nas escolas toda vez que as docências não seguem à risca o instituído ou procuram escapar dos contornos prescritos, sendo chamados, até mesmo, de preguiçosos e doutrinadores. Entretanto, sabemos, na verdade, que muitos dos agenciamentos dos signos mundanos que pairam nas escolas são resultados dos próprios modelos de educação implementados.

Sobre os signos amorosos, Deleuze (2003) explica que não são vazios como os signos mundanos, mas são signos que escondem sua significação verdadeira, pois são signos mentirosos e enganadores. Nas reflexões das docências nos processos de conversações, a pista deixada foi a de uma enganação atribuída a suposta “parte diversificada do currículo”. As docências pensam com os signos amorosos, que nas prescrições curriculares, a tentativa é que a diferença não seja interpretada, apesar de aparecer e ser vista.

Nessa perspectiva, a parte diversificada do currículo é uma falácia, um signo amoroso nas prescrições, pois embora haja um rol taxativo de signos da cultura local, a mundanidade devasta as prescrições curriculares, pois procura remeter as docências a crerem em uma real possibilidade de *espaçotempo* da parte diversificada no jogo de disputas, já sequestrado pela soberania do comum nacional.

Entendemos assim, que os signos amorosos buscam mentir e enganar as docências de duas formas: com pré-codificações e significantes, visando fazer as docências acreditarem que a diferença se situa viva no objeto representado, além de tentar escondê-la nas sombras da

codificação, já que os signos amorosos intencionam enganar os pensamentos da diferença; e, outra forma de mentir é com o escamoteio da diferença no *espaçotempo* das prescrições curriculares, procurando fazer as docências acreditarem na presença das diferenças pela mera citação codificada das manifestações culturais, além de pretender fazer a diferença perder sua potência pelo enquadramento a uma imagem, a uma forma, para que as docências não percebam os fluxos que dela têm escapado.

Questionando as perversidades dos signos mundanos e amorosos das prescrições curriculares, nas *redes de conversações* as docências nos alertam a para a potência dos *signos artísticos capixabas*, porque nos conduzem a produção de multiplicidade de corpos curriculares que pulsam vidas, artes de viver. Os signos capixabas, são pensados pelas docências como signos sensíveis, porque evocam a força da cultura local do Estado do Espírito Santo, como o Congo, o Ticumbi, a Folia de Reis, as Panelas de Barro, as danças locais, etc. Nessa direção, para Deleuze (2003), os signos sensíveis reforçam um “começo da arte”, superam os signos mundanos e os signos amorosos, porém são ainda signos inferiores aos signos da arte.

No campo do currículo, as docências afirmam que os signos sensíveis atravessam os corpos, fazem sentidos aos corpos, pelo som, pelo toque, pelo cheiro e pelo olhar. Assim, é possível afirmar que os signos capixabas, são signos sensíveis, principalmente, porque, trazem consigo uma força histórica de produção que une uma terra, um povo e o faz resistir. Contudo, nesse jogo de prescrições curriculares, principalmente, no que se refere a prescrição Currículo do Espírito Santo, os signos capixabas, por mais que inseridos na macropolítica, apresentam as lógicas dos signos mundanos e amorosos. Assim alertam as docências, que nos cotidianos das escolas, é preciso superar os signos capixabas a signos sensíveis, até que alcancem a potência de um signo artístico, pois a força desse signo faz um corpo gozar da potência de produção da diferença, sendo-o uma própria obra de arte. Portanto, é preciso desentranhar os signos capixabas das mundanidades e das amorosidades presentes nos autos das prescrições curriculares, pois só assim será possível resistir e criar outros possíveis de vida.

**Palavras-chave:** Base Nacional Comum Curricular; Currículo do Espírito Santo; Signos capixabas.

## REFERÊNCIAS:

DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 1997. v. 5.

FERRAÇO, Carlos Eduardo; CARVALHO, Janete Magalhães. Currículo, cotidiano e conversações. **Revista e-Curriculum** , São Paulo, v. 8, n. 2, p. 1-17, ago. 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/curriculum/article/view/10985>. Acesso em: 14 abr. 2022.